

Arthur
Conan
Doyle



UM ESTUDO EM VERMELHO



Arthur Conan Doyle

UM ESTUDO EM VERMELHO

Tradução:
Maria Luiza X. de A. Borges



SUMÁRIO

Apresentação

PARTE I

NOVA TIRAGEM DAS REMINISCÊNCIAS
DO DR. JOHN H. WATSON, EX-MEMBRO DO
DEPARTAMENTO MÉDICO DO EXÉRCITO

- I. Mr. Sherlock Holmes
- II. A ciência da dedução
- III. O mistério de Lauriston Garden
- IV. O que John Rance tinha a dizer
- V. Nosso anúncio atrai uma visita
- VI. Tobias Gregson mostra do que é capaz
- VII. Luz na escuridão

PARTE II

A TERRA DOS SANTOS

- I. Na Grande Planície Alcalina
- II. A flor de Utah
- III. John Ferrier fala com o profeta
- IV. Fuga desesperada
- V. Os Anjos Vingadores
- VI. Continuação das reminiscências do Dr. John H. Watson
- VII. Conclusão

BEETON'S CHRISTMAS ANNUAL

A STUDY IN SCARLET



By A. CONAN DOYLE

Containing also
Two Original
DRAWING ROOM PLAYS.

FOOD FOR POWDER.
By R. ANDRÉ

2
THE FOUR LEAVED SHAMROCK
By C. J. HAMILTON

With ENGRAVINGS
By D. H. FRISTON
MATT STRETCH.
R. ANDRÉ

WARD LOCK & CO
LONDON · NEW YORK
AND · MELBOURNE ·

APRESENTAÇÃO

Sir Arthur Conan Doyle (1859-1930) foi médico e escritor. Sua obra contempla gêneros tão diversos quanto a ficção científica, as novelas históricas, a poesia e a não ficção. Sem dúvida, porém, seu maior reconhecimento vem dos contos e romances do detetive Sherlock Holmes e seu fiel parceiro e amigo, o dr. Watson.

Os contos nunca deixaram de ser reimpressos desde que o primeiro deles foi publicado, em 1891, e os romances foram traduzidos para quase todas as línguas. Centenas de atores encarnaram a dupla nos palcos, no rádio e nas telas; revistas e livros sobre o detetive são lançados todo ano; fã-clubes reúnem-se com regularidade. Infinitamente imitado, parodiado e citado, Holmes já foi identificado como uma das três personalidades mais conhecidas do mundo ocidental, ao lado de Mickey Mouse e do Papai Noel.

Um estudo em vermelho foi publicado no anuário londrino *Beeton's Christmas Annual* de 1887, após ser recusado por três editores. No ano seguinte, saiu em edição separada, com ilustrações de Charles Doyle, pai de Conan Doyle. Rotulado como “Reminiscências do Dr. John H. Watson”, o livro registra a primeira aparição pública de Sherlock Holmes e o famoso primeiro encontro entre o detetive e Watson, que passam a dividir a moradia na Baker Street, nº 221B. Após acompanhar Holmes numa investigação, maravilhado com seus métodos, Watson o instiga a publicar um relato do caso: “se você não o fizer, eu o farei para você”. “Pode fazer o que quiser”, é a resposta de Holmes – abrindo caminho para o que viria a ser a mais bem-sucedida série de histórias já publicada.

Analisando os recursos literários de Conan Doyle, temos uma narrativa que casa perfeitamente diálogo, descrição, caracterização e *timing*. A modéstia aparente de sua linguagem oculta um profundo reconhecimento da complexidade humana. E repare-se como o autor é hábil em “colocar o leitor a meio caminho”, como diz John le Carré, entre seus dois grandes

protagonistas: Holmes é genial, e o leitor nunca o alcançará (e talvez nem queira); mas nem por isso deve desanimar, pois é mais perspicaz que o dr. Watson...

A presente edição traz o texto publicado no *Beeton's Christmas Annual* e mais de trinta ilustrações originais, feitas por diversos ilustradores das histórias do grande detetive de Baker Street.

PARTE I

Nova tiragem das reminiscências
do Dr. John H. Watson, ex-membro
do Departamento Médico do Exército

I. MR. SHERLOCK HOLMES

NO ANO DE 1878, após receber meu diploma de doutor em medicina da Universidade de Londres, fui para Netley fazer o curso prescrito para os oficiais médicos do Exército. Tendo concluído meus estudos ali, fui devidamente incorporado ao 5º Regimento de Fuzileiros de Northumberland como médico assistente. Na época o regimento achava-se estacionado na Índia e, antes que eu pudesse me juntar a ele, a Segunda Guerra Afegã foi deflagrada. Ao desembarcar em Bombaim, fui informado de que minha unidade avançara pelos desfiladeiros e já penetrara profundamente no país do inimigo. Segui em frente, contudo, com muitos oficiais que estavam na mesma situação que eu, e consegui chegar são e salvo a Kandahar, onde encontrei meu regimento e assumi imediatamente minhas novas funções.

A campanha rendeu honrarias e promoção a muitos, mas para mim resultou apenas em infortúnio e desgraça. Fui removido de minha brigada e incorporado aos Berkshires, com os quais servi na batalha fatal de Maiwand. Ali fui atingido no ombro por uma bala de jezail, que estilhaçou o osso e roçou a artéria subclávia. Teria caído nas mãos dos *ghazis*^a assassinos, não tivessem sido a devoção e a coragem demonstradas por Murray, meu ordenança, que me jogou de través sobre um cavalo de carga e conseguiu me levar em segurança até as linhas britânicas.

Esgotado pela dor e combalido pelas prolongadas privações por que passara, fui removido, com um grande comboio de feridos, para o hospital base em Peshawar. Ali me reanimei, e já me restabelecera a ponto de ser capaz de caminhar pelas enfermarias, e até de tomar um pouco de sol na varanda, quando fui atingido pela febre entérica, aquela maldição de nossas possessões indianas. Passei meses desenganado, e, quando finalmente voltei a mim e comecei a convalescer, estava tão fraco e emaciado que uma junta médica decidiu que não deveria esperar nem mais um dia para me mandar de volta para a Inglaterra. Fui despachado, assim, no navio de transporte de

tropas *Orontes*, e desembarquei um mês depois no píer de Portsmouth, com a saúde irrecuperavelmente arruinada, mas com a permissão de um governo paternal para passar os nove meses seguintes tentando melhorá-la.



“Eu teria caído nas mãos dos *ghazis* assassinos, não tivessem sido a devoção e a coragem demonstradas por Murray, meu ordenança.”
[Richard Gutschmidt, *Späte Rache*, Stuttgart, Robert Lutz Verlag, 1902]

Não tendo amigos nem parentes na Inglaterra, eu estava portanto livre como a brisa — ou tão livre quanto pode ser um homem com uma renda de onze xelins e seis *pence* por dia. Nessas circunstâncias, senti-me naturalmente atraído por Londres, essa grande cloaca para a qual todos os vagabundos e ociosos do Império são irresistivelmente drenados. Ali me hospedei por algum tempo num hotel privado no Strand, levando uma vida sem conforto e sem sentido, e gastando todo o dinheiro que tinha muito mais liberalmente do que devia. O estado de minhas finanças tornou-se tão alarmante que logo compreendi que devia ou deixar a metrópole e ir morar em algum lugar na zona rural, ou fazer uma completa alteração em meu estilo de vida. Escolhendo esta última alternativa, comecei por deixar o hotel e me alojar num domicílio menos pretensioso e menos caro.

No mesmo dia em que chegara a essa conclusão, encontrava-me no Criterion Bar quando alguém me deu um tapinha no ombro, e, virando-me,

reconheci o jovem Stamford, que havia sido meu assistente no Bart's. A visão de um rosto amigo na vastidão desnorteante de Londres é algo realmente agradável para um homem solitário. Nos velhos tempos, Stamford nunca me fora muito chegado, mas mesmo assim saudei-o com entusiasmo, e ele, por sua vez, pareceu encantado ao me ver. Na exuberância de minha alegria, convidei-o para almoçar comigo no Holborn, e partimos juntos num *hansom*.

“Que andou fazendo consigo mesmo, Watson?” perguntou ele com indisfarçável espanto, quando sacolejávamos pelas ruas apinhadas de Londres. “Está magro como um caniço e tostado como uma castanha.”

Fiz-lhe um breve apanhado de minhas aventuras e mal o havia concluído quando chegamos ao nosso destino.

“Pobre coitado!” disse ele, cheio de comiseração, depois de ouvir meus infortúnios. “Que anda fazendo agora?”

“Estou à procura de moradia”, respondi. “Tentando resolver um problema: é possível conseguir aposentos confortáveis por um preço módico?”

“É estranho”, observou meu companheiro; “você é a segunda pessoa de quem ouço a mesma coisa hoje.”

“E quem foi a primeira?”

“Um sujeito que trabalha no laboratório químico no hospital. Ele se lamentava esta manhã por não conseguir encontrar alguém com quem dividir o aluguel de uns ótimos aposentos que encontrou e que são caros demais para seu bolso.”

“Por Deus!” exclamei. “Se ele de fato quer alguém para dividir os cômodos e as despesas, eu sou justamente o homem que procura. Eu prefiro ter um parceiro a morar sozinho.”

O jovem Stamford lançou-me um olhar bastante estranho por sobre seu copo de vinho. “Ainda não conhece Sherlock Holmes”, disse; “talvez não goste de tê-lo como um companheiro constante.”

“Ora, que há contra ele?”

“Bem, eu não disse que havia alguma coisa contra ele. É um pouco extravagante em suas ideias – um entusiasta de alguns ramos da ciência. Até onde sei, é um sujeito bastante decente.”

“Estudante de medicina, suponho?” perguntei.

“Não... não tenho ideia de quais são seus interesses. Creio que é versado em anatomia e é um químico de primeira; mas, que eu saiba, nunca fez

nenhum curso regular de medicina. Seus estudos são muito desconexos e excêntricos, mas acumulou um volume de conhecimentos insólitos que espantaria seus professores.”

“Nunca lhe perguntou qual era seu interesse?” perguntei.

“Não; não é fácil fazê-lo falar livremente, embora possa ser bastante comunicativo quando lhe dá na veneta.”

“Gostaria de conhecê-lo”, disse eu. “Se tiver de morar com alguém, preferiria um homem estudioso, de hábitos sossegados. Ainda não estou forte o suficiente para suportar muito barulho ou alvoroço. Tive bastante dos dois no Afeganistão, o suficiente para o resto de minha vida. Como eu poderia conhecer esse seu amigo?”

“Com certeza está no laboratório”, respondeu meu companheiro. “Ou ele evita o lugar por semanas a fio, ou trabalha lá de manhã à noite. Se quiser, podemos tomar um fiacre e passar lá depois do almoço.”

“Com muito prazer”, respondi, e a conversa derivou para outros canais.

Quando nos dirigíamos para o hospital, após deixar o Holborn, Stamford deu-me mais alguns pormenores sobre o cavalheiro com quem eu pretendia morar.

“Não me censure se não simpatizar com ele”, disse; “nada sei a seu respeito além do que depreendi encontrando-o ocasionalmente no laboratório. Foi você que propôs esse arranjo, portanto não me considere responsável.”

“Se não nos dermos bem, será fácil nos separarmos”, respondi. “Tenho a impressão, Stamford”, acrescentei, encarando meu companheiro com firmeza, “de que você tem alguma razão para lavar suas mãos neste assunto. O temperamento desse sujeito é assim tão terrível, ou o quê? Vamos, desembuche.”

“Não é fácil exprimir o inexprimível”, respondeu ele, rindo. “Holmes é um pouco científico demais para o meu gosto... chega quase a ser desalmado. Eu poderia imaginá-lo dando a um amigo uma pitadinha do mais recente alcaloide vegetal, não por maldade, veja bem, mas simplesmente movido por espírito investigativo, para ter uma ideia precisa dos efeitos. Para lhe fazer justiça, acho que ele mesmo o tomaria com igual prontidão. Parece ter paixão por conhecimento certo e exato.”

“Faz ele muito bem.”

“Sim, mas isso pode passar do ponto. Quando se chega a dar bengaladas nos cadáveres na sala de dissecação, a coisa está sem dúvida assumindo uma

forma bastante esquisita.”

“Bengaladas em cadáveres!”

“Isso mesmo, para verificar até que ponto é possível produzir contusões após a morte. Vi com meus próprios olhos.”

“Mesmo assim diz que ele não estuda medicina?”

“Não. Deus sabe quais são os objetivos de seus estudos. Mas cá estamos, e você terá de formar sua própria impressão a respeito dele.” Enquanto ele falava, dobramos uma ruela estreita e passamos por uma portinha lateral que dava para uma ala do grande hospital. O terreno me era familiar e não precisei de guia quando subimos a fria escada de pedra e enveredamos pelo comprido corredor com sua perspectiva de paredes caiadas e portas pardacentas. Perto da outra ponta, abria-se uma passagem baixa e arqueada que levava ao laboratório químico.

Este era uma câmara de pé-direito muito alto, forrada e apinhada de incontáveis frascos. Mesas largas e baixas espalhavam-se por toda parte, eriçadas de retortas, tubos de ensaio e pequenos bicos de Bunsen, com suas trêmulas chamas azuis. Só havia na sala um estudante, debruçado sobre uma mesa distante e absorto em seu trabalho. Ao som de nossos passos ele deu uma olhada à sua volta e se levantou de um salto com uma exclamação de prazer. “Achei! Achei!” gritou para meu companheiro, correndo até nós com um tubo de ensaio na mão. “Encontrei um reagente que é precipitado por hemoglobina, e por mais nada.” Se tivesse descoberto uma mina de ouro, um deleite maior não poderia ter resplandecido em seu semblante.

“Dr. Watson, Mr. Sherlock Holmes”, disse Stamford, apresentando-nos.

“Como vai?” disse ele cordialmente, apertando minha mão com uma força que eu dificilmente lhe teria atribuído. “Pelo visto, estive no Afeganistão.”

“Como diabos soube disso?” perguntei, estarrecido.



“Achei! Achei!” gritou.”

[Geo. Hutchinson, *A Study in Scarlet*, Londres, Ward, Lock Bowden, and Co., 1891]

“Não importa”, respondeu, com uma risadinha de si para consigo. “A questão agora é a hemoglobina. Percebe a importância desta minha descoberta, não é?”

“É interessante, quimicamente, sem dúvida”, respondi, “mas na prática...”

“Ora, homem! É a mais prática descoberta médico-legal feita em anos. Não vê que ela nos proporciona um teste infalível para manchas de sangue? Venha aqui agora!” Em seu entusiasmo, agarrou-me pela manga do paletó e me arrastou até a mesa em que estivera trabalhando. “Arranjemos um pouco de sangue fresco”, disse, enfiando um comprido estilete no dedo e colhendo a gota de sangue resultante com uma pipeta química. “Agora eu acrescento esta pequena quantidade de sangue a um litro d’água. Como vê, a mistura resultante tem a aparência de água pura. A proporção de sangue não pode ser mais que um para um milhão. Não tenho dúvida, entretanto, de que serei capaz de obter a reação característica.” Enquanto falava, jogou num recipiente alguns cristais brancos e em seguida acrescentou algumas gotas de um fluido transparente. Num instante os conteúdos assumiram uma cor fosca de mogno e um pó amarronzado precipitou-se no fundo do frasco de vidro.

“Ahá!” exclamou ele, batendo palmas e parecendo tão encantado como uma criança com um brinquedo novo. “Que pensa disso?”

“Parece um teste muito sensível”, observei.

“Lindo! Lindo! O velho teste com guaiaco era muito grosseiro e duvidoso. O exame microscópico para corpúsculos de sangue também. Este último não tem nenhum valor se as manchas já tiverem algumas horas. Agora, isto aqui parece agir igualmente bem seja o sangue velho ou novo. Se este teste já tivesse sido inventado, centenas de homens que agora perambulam por aí já teriam pagado por seus crimes há muito tempo.”

“Realmente!” murmurei.

“A todo momento, casos criminais dependem desse único ponto. Um homem torna-se suspeito de um crime meses depois, talvez, que ele foi cometido. Suas roupas de baixo ou outras peças são examinadas, e descobrem-se manchas amarronzadas nelas. São manchas de sangue, de lama, de ferrugem, de frutas ou o quê? Essa é uma pergunta que intrigou muitos especialistas, e por quê? Porque não havia um teste confiável. Agora temos o teste de Sherlock Holmes e não haverá mais nenhuma dificuldade.”

Seus olhos brilhavam enquanto falava e, levando a mão ao peito, fez uma reverência, como se sua imaginação tivesse feito surgir por encanto uma multidão que o aplaudia.

“O senhor está de parabéns”, observei, consideravelmente surpreso com seu entusiasmo.

“Houve o caso de Von Bischoff em Frankfurt ano passado. Certamente teria sido enforcado se o teste já existisse. Depois houve Mason de Brandford, o famigerado Muller, Lefevre de Montpellier e Samson de Nova Orleans. Eu poderia citar uma vintena de casos em que ele teria sido decisivo.”

“Você parece um calendário ambulante do crime”, disse Stamford com uma risada. “Poderia lançar um jornal nessa linha. Intitule-o ‘Noticiário Policial do Passado’.”

“Seria de fato uma leitura muito interessante”, comentou Sherlock Holmes, aplicando um pedacinho de emplastro sobre a picada em seu dedo. “Preciso ter cuidado”, continuou, virando-se para mim com um sorriso, “porque lido muito com venenos.” Mostrou a mão enquanto falava e notei que estava toda salpicada com pedaços similares de emplastro e descorada por ácidos fortes.

“Viemos aqui a negócios”, disse Stamford, sentando-se num tamborete alto de três pernas e empurrando outro com o pé na minha direção. “Este meu amigo está à procura de moradia e, como você se queixava de não conseguir encontrar alguém para dividir o aluguel, achei que o melhor era reuni-los.”

Sherlock Holmes pareceu encantado com a ideia de dividir suas acomodações comigo. “Estou de olho num apartamento em Baker Street”, disse, “que seria perfeito para nós. Espero que não se incomode com cheiro de tabaco forte.”

“Eu mesmo costumo fumar *ship’s*”, respondi.

“Isso é ótimo. Em geral tenho produtos químicos pela casa e vez por outra faço experimentos. Isso o incomodaria?”

“Em absoluto.”

“Vejamos... quais são meus outros defeitos? Às vezes fico deprimido, e passo dias a fio sem abrir a boca. Não deve pensar que estou amuado nessas ocasiões. Basta deixar-me em paz e logo volto ao normal. E o senhor, que tem para confessar? É melhor que dois sujeitos saibam o pior um do outro antes de começarem a morar juntos.”

Achei graça desse interrogatório. “Tenho um filhote de buldogue”, disse, “não suporto balbúrdia porque meus nervos estão abalados, acordo nas horas mais escandalosas e sou extremamente preguiçoso. Tenho outros vícios quando estou bem, mas estes são os principais no momento.”

“Inclui o som de violino na categoria de balbúrdia?” perguntou ele, aflito.

“Depende do executante”, respondi. “Um violino bem tocado é um deleite dos deuses... mas um mal tocado...”

“Ah, muito bem”, exclamou ele com uma risada satisfeita. “Acho que podemos considerar o assunto resolvido — isto é, se os quartos forem do seu agrado.”

“Quando iremos vê-los?”

“Encontre-me aqui amanhã ao meio-dia; iremos juntos e acertaremos tudo.”

“Certo... ao meio-dia em ponto”, disse eu, apertando-lhe a mão.

Nós o deixamos trabalhando em meio aos seus produtos químicos, e caminhamos juntos para o meu hotel.

“A propósito”, perguntei de repente, parando e me virando para Stamford, “como diabos ele soube que venho do Afeganistão?”

Meu companheiro abriu um sorriso enigmático. “Essa é justamente sua

pequena peculiaridade”, disse. “Muita gente gostaria de saber como ele descobre as coisas.”

“Ah! Então é um mistério?” exclamei, esfregando as mãos. “Isto é muito estimulante. Sou-lhe muito grato por nos aproximar. ‘O estudo próprio para a humanidade é o homem’, você sabe.”

“Nesse caso, trate de estudá-lo”, disse Stamford, despedindo-se. “Mas vai achá-lo um problema espinhoso. Aposto que ele descobrirá mais coisas sobre você do que você sobre ele. Até logo.”

“Até logo”, respondi, e fui andando devagar para o meu hotel, consideravelmente interessado em meu novo conhecido.

^a Designação honrosa para guerreiros muçulmanos veteranos, sobretudo os que lutaram com sucesso contra infiéis. Os *ghazis* tinham fama de usar tortura e métodos penosos.

II. A CIÊNCIA DA DEDUÇÃO

ENCONTRAMO-NOS no dia seguinte, tal como combinado, e inspecionamos os aposentos da Baker Street, nº 221B, de que ele falara. Consistiam em dois confortáveis quartos de dormir e uma única e espaçosa sala de estar, jovialmente mobiliada e iluminada por duas amplas janelas. O apartamento era tão desejável em todos os aspectos, e as condições pareciam tão razoáveis se divididas entre nós, que o negócio foi fechado no ato e tomamos posse do lugar imediatamente. Naquela mesma tarde levei minhas coisas do hotel para lá, e na manhã seguinte Sherlock Holmes me seguiu com várias caixas e malas. Passamos um ou dois dias extremamente ocupados, desembalando nossos pertences e arrumando-os da melhor maneira possível. Feito isto, começamos a nos adaptar pouco a pouco ao nosso novo ambiente.

Holmes não era um homem de convívio difícil. Tinha modos tranquilos e hábitos regulares. Raramente estava de pé depois das dez horas da noite, e invariavelmente já tinha tomado o desjejum e saído quando eu me levantava de manhã. Às vezes passava o dia no laboratório de química, às vezes nas salas de dissecação, e eventualmente em longas caminhadas, que pareciam levá-lo ao submundo da cidade. Nada podia superar sua energia quando dominado pelo impulso de trabalhar; vez por outra, porém, uma reação tomava conta dele, e passava dias a fio deitado no sofá da sala de estar, mal pronunciando uma palavra ou movendo um músculo, da manhã à noite. Nessas ocasiões, eu notava uma expressão tão sonhadora e aérea em seus olhos que poderia ter desconfiado que era viciado em algum narcótico, se a temperança e a correção de toda a sua vida não proibissem semelhante ideia.

Com o passar das semanas, meu interesse por ele e minha curiosidade quanto a seus objetivos na vida foram se aprofundando e crescendo pouco a pouco. Sua pessoa e aparência, por sua vez, eram tais que chamavam a atenção do mais superficial observador. Tinha certamente mais de um metro e oitenta e dois de altura, mas era tão excessivamente magro que parecia ainda

mais alto. Seus olhos eram vivos e penetrantes, salvo durante aqueles intervalos de torpor a que aludi; e seu nariz fino e aquilino dava ao conjunto de sua expressão um ar de alerta e determinação. Também o queixo, proeminente e quadrado, indicava o homem decidido. Embora suas mãos estivessem invariavelmente manchadas de tinta e produtos químicos, possuía extraordinária delicadeza de tato, como frequentemente tive oportunidade de observar ao vê-lo manipular seus frágeis instrumentos científicos.

O leitor pode me tomar por um incorrigível abelhudo quando confesso o quanto esse homem estimulava minha curiosidade, e quantas vezes tentei penetrar a reticência que ele mostrava com relação a tudo. Antes de emitir um julgamento, porém, que se lembre o quanto minha vida era sem objetivo e quão pouco havia para me prender a atenção. Meu estado de saúde impedia que eu me aventurasse fora de casa, a menos que o tempo estivesse excepcionalmente propício, e eu não tinha nenhum amigo que me visitasse e rompesse a monotonia de meu dia a dia. Saudei com avidez o pequeno mistério que envolvia meu companheiro e passava boa parte do meu tempo tentando desvendá-lo.

Holmes não estava estudando medicina. Ele próprio, em resposta a uma pergunta, confirmou a opinião de Stamford a esse respeito. Tampouco parecia ter seguido qualquer curso que pudesse habilitá-lo para um diploma em ciência ou qualquer outro portal reconhecido que lhe permitisse ingressar no mundo do saber. Apesar disso, seu entusiasmo por certos estudos era notável e, dentro de limites excêntricos, seu conhecimento era tão extraordinariamente vasto e minucioso que suas observações me deixavam justamente estarecido. Certamente nenhum homem trabalharia com tanto afincamento ou conseguiria informações tão precisas a menos que tivesse algum objetivo definido em vista. Leitores que pulam de um assunto a outro raramente se fazem notar pela exatidão de seu saber. Nenhum homem sobrecarrega sua mente com minúcias a menos que tenha uma razão muito boa para isso.

Sua ignorância era tão extraordinária quanto seu conhecimento. De literatura contemporânea, filosofia e política, parecia não saber praticamente nada. Quando lhe citei Thomas Carlyle, perguntou da maneira mais ingênua quem ele poderia ser e o que tinha feito. Minha surpresa chegou ao clímax, entretanto, quando descobri por acaso que ele ignorava a teoria copernicana e a composição do Sistema Solar. Que um ser humano civilizado neste século XIX não estivesse ciente de que a Terra gira em redor do Sol pareceu-me um

fato que, de tão extraordinário, era quase inacreditável.

“Você parece espantado”, disse ele, sorrindo diante de minha expressão de surpresa. “Agora que sei disso, farei o possível para esquecer.”

“Esquecer!”

“Entenda”, explicou ele, “considero que o cérebro de um homem é originalmente como um pequeno sótão vazio, que temos de encher com os móveis que escolhemos. Um tolo recolhe todo tipo de trastes com que depara, de modo que o conhecimento que lhe poderia ser útil fica atravancado, ou na melhor das hipóteses misturado com muitas outras coisas, de modo que ele tem dificuldade em localizá-lo. O trabalhador competente, porém, é muito cuidadoso com relação ao que leva para seu cérebro-sótão. Não guardará nada lá a não ser as ferramentas que possam ajudá-lo em seu trabalho, mas dessas tem grande sortimento, e todas na mais perfeita ordem. É um erro pensar que o quartinho tem paredes elásticas e pode se expandir até qualquer medida. Acredite que chega uma hora em que, para cada novo conhecimento, você esquece alguma coisa que sabia antes. É da maior importância, portanto, não ter fatos inúteis expulsando os úteis.”

“Mas o Sistema Solar!” protestei.

“Que significa ele para mim?” interrompeu ele, impaciente. “Você diz que giramos em torno do Sol. Se girássemos em torno da Lua isso não faria a mínima diferença para mim ou para o meu trabalho.”

Estive a ponto de lhe perguntar que trabalho podia ser esse, mas alguma coisa em seu jeito me mostrou que a pergunta não seria bem-vinda. Refleti sobre nossa curta conversa, entretanto, e esforcei-me por extrair dela minhas deduções. Ele disse que não adquiriria nenhum conhecimento que não tivesse relação com sua finalidade. Portanto, todos os conhecimentos que possuía eram de molde a lhe ser úteis. Enumerei em minha própria mente os pontos sobre os quais me mostrara ser excepcionalmente bem informado. Cheguei a pegar um lápis e anotá-los. Não pude deixar de sorrir quando concluí o documento. Ficou assim:

SHERLOCK HOLMES – SEUS LIMITES

1. Conhecimento de literatura. – Zero.
2. " " filosofia. – Zero.
3. " " astronomia. – Zero.

4. " " política. – Fraco.
5. " " botânica. – Variável. Versado em beladona, ópio e venenos em geral. Não sabe nada de jardinagem prática.
6. " " geologia. – Prático, mas limitado. Distingue diferentes tipos de solo num relance. Após caminhadas, mostrou-me salpicos em suas calças e me disse, com base em sua cor e consistência, em que parte de Londres os recebera.
7. " " Química. – Profundo.
8. " " Anatomia. – Preciso, mas assistemático.
9. " " Literatura sensacionalista. – Imenso. Parece saber cada detalhe de cada horror perpetrado no século.
10. Toca violino bem.
11. É perito em *singlestick*,^b boxeador e espadachim.
12. Tem bom conhecimento prático do direito inglês.

Ao chegar a esse ponto em minha lista, atirei-a ao fogo, desalentado. “Se a única maneira de descobrir aonde esse sujeito quer chegar é combinando todos esses talentos e atinando com uma profissão que exija todos eles”, disse a mim mesmo, “é melhor desistir agora mesmo.”

Vejo que aludi acima a seus dons de violinista. Eram extraordinários, mas excêntricos como todos os seus outros talentos. Que era capaz de executar peças, e peças difíceis, eu sabia bem, porque a meu pedido tocara para mim alguns *Lieder* de Mendelssohn e outras de minhas favoritas. Por sua própria conta, no entanto, raramente produzia alguma música ou tentava uma ária reconhecível. Ao entardecer, recostado em sua poltrona, fechava os olhos e arranhava descuidadamente a rabeça atravessada sobre seu joelho. Por vezes os acordes eram sonoros e melancólicos. Ocasionalmente, eram extravagantes e alegres. Estava claro que refletiam os pensamentos que o dominavam, mas se a música ajudava esses pensamentos ou se ele tocava por simples capricho ou veneta, é mais do que eu poderia decidir. Eu poderia ter me rebelado contra esses solos exasperantes, caso ele não costumasse encerrá-los tocando em rápida sucessão uma série completa de minhas árias favoritas como uma

pequena recompensa pela provação a que submetera minha paciência.



“Ao entardecer, recostado em sua poltrona, fechava os olhos e arranhava descuidadamente a rabeça atravessada sobre seu joelho.”

[Richard Gutschmidt, *Späte Rache*, Stuttgart: Robert Lutz Verlag, 1902]

Durante a primeira semana, aproximadamente, não recebemos visitas, e eu tinha começado a pensar que meu companheiro era um homem tão sem amigos como eu. Pouco depois, porém, descobri que ele tinha muitos conhecidos, e nas mais diferentes classes da sociedade. Havia um sujeitinho amarelado, com cara de rato e olhos escuros, que me foi apresentado como Mr. Lestrade, e que apareceu três ou quatro vezes numa única semana. Uma manhã, apareceu uma moça elegantemente vestida, que ficou por meia hora ou mais. A mesma tarde trouxe um visitante grisalho e andrajoso, parecendo um mascate judeu, que me deu a impressão de estar muito aflito e foi seguido de perto por uma mulher idosa e desmazelada. Em outra ocasião um cavalheiro de cabeça branca teve uma entrevista com meu companheiro; e em outra ainda um carregador de estrada de ferro em seu uniforme de belbutina. Quando qualquer desses indivíduos indefiníveis aparecia, Sherlock Holmes costumava pedir para usar a sala de estar, e eu me retirava para o meu quarto. Ele sempre pedia desculpas por me submeter a esse inconveniente. “Preciso usar esta sala para meus negócios”, dizia, “e essas pessoas são meus clientes.” Mais uma vez tive a oportunidade de lhe fazer uma pergunta sem

rodeios, e mais uma vez minha delicadeza me impediu de forçar outro homem a confiar em mim. Imaginei na ocasião que ele tinha alguma razão forte para não aludir a isso, mas logo ele dissipou essa ideia abordando o assunto direta e espontaneamente.



“Descobri que ele tinha muitos conhecidos.”

[C. Coulston, *Sherlock Holmes Series*, Nova York–Londres, Harper & Bros., 1904]

Foi no dia 4 de março, como tenho boas razões para lembrar, que me levantei um pouco mais cedo que o usual e verifiquei que Sherlock Holmes ainda não terminara seu desjejum. A senhoria acostumara-se tanto a meus hábitos tardios que meu lugar não fora posto nem meu café preparado. Com a petulância irracional da humanidade, toquei a campainha e indiquei laconicamente que estava pronto. Em seguida peguei uma revista da mesa e tentei matar o tempo com ela enquanto meu companheiro mastigava silenciosamente sua torrada. Um dos artigos tinha uma marca a lápis no cabeçalho e, naturalmente, comecei a correr os olhos por ele.

Intitulado um tanto pretensiosamente “O livro da vida”, tentava mostrar quanto um homem observador podia aprender mediante um exame preciso e sistemático de tudo com que deparasse. Deu-me a impressão de ser uma extraordinária mistura de sagacidade e absurdo. A argumentação era densa e intensa, mas as deduções me pareceram rebuscadas e exageradas. O autor afirmava que, por uma expressão momentânea, a contração de um músculo

ou uma olhadela, podia penetrar os mais íntimos pensamentos de um homem. O engano, segundo ele, era uma impossibilidade no caso de alguém treinado na observação e na análise. Suas conclusões seriam tão infalíveis quanto proposições de Euclides. Os resultados por ele obtidos pareceriam tão surpreendentes aos não iniciados que, até que aprendessem os processos pelos quais ele os alcançara, poderiam de fato considerá-lo um necromante.

“De uma gota d’água”, dizia o autor, “um lógico poderia inferir a possibilidade de um Atlântico ou um Niágara, sem ter visto ou ouvido falar de qualquer dos dois. Toda a vida é portanto uma grande corrente, cuja natureza é conhecida sempre que vislumbrarmos um único de seus elos. Como todas as outras artes, a Ciência da Dedução e Análise é tal que só pode ser adquirida mediante longo e paciente estudo, e a vida não é longa o bastante para permitir a um mortal atingir nela a máxima perfeição possível. Antes que se volte para aqueles aspectos morais e mentais da matéria que apresentam maior dificuldade, permita-se ao investigador começar dominando problemas mais elementares. Que aprenda, ao conhecer um semelhante, a distinguir num relance a história do homem, e o ofício ou profissão que exerce. Por pueril que possa parecer, esse exercício aguça as faculdades de observação e ensina para onde olhar e o que procurar. Pelas unhas de um homem, pela manga de seu paletó, por suas botinas, pelos joelhos de suas calças, pelas calosidades de seu dedo indicador e polegar, por sua expressão, pelos punhos da camisa – por cada uma dessas coisas a profissão de um homem é claramente revelada. Que tudo isso somado não chegue a iluminar o investigador competente é, em qualquer circunstância, quase inconcebível.”

“Que indescritível tolice!” exclamei, batendo a revista na mesa. “Nunca li tanto disparate em minha vida.”

“Do que se trata?” perguntou Sherlock Holmes.

“Ora, este artigo”, disse eu, apontando-o com a colher do ovo ao me sentar para meu desjejum. “Vejo que o leu, pois o assinalou. Não nego que foi escrito com inteligência. Mas me irrita. É evidentemente a teoria de algum ocioso que desenvolve todos esses elegantes pequenos paradoxos no isolamento de seu próprio gabinete. Isso não é prático. Eu gostaria de vê-lo enfiado num vagão de terceira classe do metrô, e solicitado a descobrir os ofícios de todos os seus companheiros de viagem. Apostaria mil por um contra ele.”

“Perderia o seu dinheiro”, observou Sherlock Holmes calmamente.

“Quanto ao artigo, eu mesmo o escrevi.”

“Você!”

“Sim, tenho um pendor tanto para a observação como para a dedução. As teorias que expressei ali, e que lhe parecem tão quiméricas, são na verdade extremamente práticas — tão práticas que dependo delas para minha subsistência.”

“Mas como?”

“Bem, tenho uma profissão. Suponho que sou o único no mundo a exercê-la. Sou um detetive consultor, se é capaz de entender o que é isso. Aqui em Londres temos um punhado de detetives do governo e detetives privados. Quando esses sujeitos se veem numa enrascada, eles me procuram, e consigo pôlos na pista certa. Eles me expõem todas as evidências, e em geral sou capaz, com a ajuda de meu conhecimento da história do crime, de corrigir seus erros. Há uma forte semelhança de família entre os delitos, e se você tem todos os detalhes de um milhar deles na ponta dos dedos, seria estranho que não conseguisse desvendar o milésimo primeiro. Lestrade é um detetive muito conhecido. Ele se confundiu recentemente com um caso de falsificação, e foi isso que o trouxe aqui.”

“E essas outras pessoas?”

“Em sua maioria elas me são enviadas por agências privadas de investigação. Todas estão em apuros por alguma razão, e querem algum esclarecimento. Ouço suas histórias, elas ouvem meus comentários, e depois eu embolso meu pagamento.”

“Está querendo dizer”, disse eu, “que sem deixar sua sala você consegue desatar um nó que outros homens são incapazes de deslindar, embora tenham visto todos os detalhes por si mesmos?”

“Exatamente. Tenho uma espécie de intuição para isso. Volta e meia me aparece um problema um pouco mais complexo. Nesse caso tenho de me pôr em movimento e ver as coisas com meus próprios olhos. Sabe, tenho muitos conhecimentos especiais que aplico ao problema e que facilitam enormemente as coisas. Essas regras de dedução expostas nesse artigo que suscitou seu desdém são inestimáveis no meu trabalho prático. A observação é minha segunda natureza. Você pareceu surpreso quando eu lhe disse, em nosso primeiro encontro, que você tinha vindo do Afeganistão.”

“Alguém lhe contou, sem dúvida.”

“Nada disso. Eu *sabia* que você vinha do Afeganistão. Por força de um

hábito antigo, o encadeamento de ideias correu tão depressa pela minha mente que cheguei à conclusão sem ter consciência dos passos intermediários. Esses passos existiram, contudo. O encadeamento de ideias foi: ‘Aqui está um homem com jeito de médico, mas com ar de militar. Claramente um médico do Exército, portanto. Acaba de chegar dos trópicos, pois seu rosto está escuro, e essa não é a tonalidade natural de sua face, pois seus punhos são claros. Ele passou por penúrias e doenças, como seu rosto abatido revela claramente. Foi ferido no braço esquerdo, pois o mantém numa posição rígida e pouco natural. Onde nos trópicos um médico do Exército poderia ter encontrado tantas privações e sido ferido no braço? Claramente no Afeganistão.’ Todo o encadeamento de ideias não demandou um segundo. Comentei então que você vinha do Afeganistão e o deixei pasmo.”

“É muito simples quando você explica”, disse eu, sorrindo. “Você me lembra Dupin de Edgar Allan Poe. Nunca pensei que existissem pessoas assim na vida real.”

Sherlock Holmes levantou-se e acendeu seu cachimbo. “Sem dúvida acha que está me elogiando ao me comparar com Dupin”, observou. “Em minha opinião, porém, Dupin era um sujeito muito inferior. Aquele truque de se intrometer nos pensamentos com um comentário oportuno depois de um quarto de hora de silêncio é por demais aparatoso e superficial. Ele tinha algum talento analítico, sem dúvida; mas não era de maneira alguma o fenômeno que Poe parecia imaginar.”

“Leu as obras de Gaboriau?” perguntei. “Lecoq corresponde à sua ideia de um detetive?”

Sherlock Holmes torceu o nariz, sardônico. “Lecoq era um pobre trapalhão”, disse num tom irritado; “só tinha uma qualidade, sua energia. Aquele livro me deixou realmente infeliz. A questão era como identificar um prisioneiro desconhecido. Eu poderia ter feito isso em vinte e quatro horas. Lecoq levou uns seis meses. Aquilo poderia ser usado como um manual para ensinar a detetives o que evitar.”

Senti-me indignado por ver dois personagens que admirara tratados com tamanho desdém. Fui até a janela e pus-me a contemplar a rua movimentada. “Esse sujeito pode ser inteligente”, disse a mim mesmo, “mas é sem dúvida muito convencido.”

“Não há crimes nem criminosos hoje em dia”, disse ele, em tom de queixa. “De que adianta ter cérebro em nossa profissão? Sei muito bem que tenho condições de tornar meu nome famoso. Não há nem nunca houve um homem

que trouxesse para a detecção do crime a mesma quantidade de estudo e talento natural que eu trouxe. E qual foi o resultado? Não há crime a detectar, ou, no máximo, alguma vilania tosca, com um motivo tão transparente que até um funcionário da Scotland Yard consegue resolvê-la.”

Eu continuava aborrecido com seu estilo arrogante de conversa. Pensei que o melhor era mudar de assunto.

“Que estaria aquele sujeito procurando?” perguntei, apontando para um indivíduo robusto e vestido com simplicidade, que caminhava devagar do outro lado da rua, olhando para os números com ansiedade. Tinha na mão um grande envelope azul e era evidentemente o portador de uma mensagem.

“Você se refere ao sargento reformado dos Fuzileiros Navais”, disse Sherlock Holmes.

“Quanta gabolice!” pensei com meus botões. “Ele sabe que não posso verificar sua suposição.”

Esse pensamento mal passara pela minha cabeça quando o homem que observávamos avistou o número sobre nossa porta e atravessou a rua correndo. Ouvimos uma batida forte, uma voz grave lá embaixo e passos pesados subindo a escada.

“Para Mr. Sherlock Holmes”, disse ele, entrando na sala e entregando a carta ao meu amigo.

Ali estava uma oportunidade de pôr fim à sua presunção. Ele nem sonhara com isso ao fazer sua adivinhação aleatória. “Posso lhe perguntar, meu rapaz”, disse eu, com a mais branda das vozes, “qual seria o seu ofício?”

“Mensageiro, senhor”, disse ele, bruscamente. “Meu uniforme está no conserto.”

“E antes era?” perguntei, olhando com uma ponta de malícia para meu companheiro.

“Sargento, senhor, Infantaria Ligeira dos Reais Fuzileiros Navais, senhor. Nenhuma resposta? Certo, senhor.”

Bateu os calcanhares, continência e saiu.

^b Pedaco fino de madeira, semelhante a uma bengala ou um sabre, usado para esgrimir. Criado no século XVI para a prática da esgrima, no século XVIII tornou-se um esporte autônomo.

III. O MISTÉRIO DE LAURISTON GARDEN

CONFESSEI QUE FIQUEI muito surpreso com essa nova prova da natureza prática das teorias de meu companheiro. Meu respeito por sua capacidade de análise aumentou consideravelmente. Ainda restou uma desconfiança latente em meu espírito, todavia, de que tudo aquilo fosse um episódio previamente combinado, destinado a me deslumbrar, embora com que objetivo haveria ele de querer me enganar estivesse além de minha compreensão. Quando olhei para ele, terminara de ler o bilhete e seus olhos haviam assumido a expressão vazia, sem brilho, que indicava alheamento.

“Como diabos você deduziu isso?” perguntei.

“Deduzi o quê?” retrucou com petulância.

“Ora, que o homem era um sargento reformado dos Fuzileiros Navais.”

“Não tenho tempo para ninharias”, respondeu bruscamente; em seguida, com um sorriso, “Desculpe minha rudeza. Você cortou o fio de meus pensamentos; mas talvez seja melhor assim. Então não conseguiu mesmo ver que aquele homem era um sargento dos Fuzileiros Navais?”

“Não, realmente.”

“Foi mais fácil perceber isso do que será explicar como o fiz. Se lhe pedissem para provar que dois mais dois são quatro, talvez tivesse alguma dificuldade, embora não tenha nenhuma dúvida quanto ao fato. Quando o sujeito ainda estava do outro lado da rua, pude ver uma grande âncora azul tatuada no dorso da sua mão. Senti cheiro de mar. Ele tinha um porte militar, porém, e as costumeiras suíças. Temos aí o fuzileiro naval. Era um homem com certo grau de presunção e certo ar de autoridade. Deve ter observado a maneira como sustentava a cabeça e brandia a bengala. Além disso, a julgar pelas aparências, um homem de meia-idade, equilibrado e respeitável — fatos que, juntos, me levaram a acreditar que tinha sido sargento.”

“Maravilhoso!” exclamei.

“Banal”, disse Holmes, embora tenha me parecido por sua expressão que

estava satisfeito com minha evidente surpresa e admiração. “Disse há pouco que não havia criminosos. Parece que estou errado — veja isto!” Jogou-me o papel que o mensageiro trouxera.

“Meu Deus”, exclamei ao correr os olhos por ele, “isto é terrível!”

“Parece ser um pouco fora do comum”, observou ele calmamente. “Poderia ler isso para mim em voz alta?”

Esta foi a carta que li para ele —

CARO MR. SHERLOCK HOLMES,

Ocorreu um grave incidente durante a noite em Lauriston Gardens, nº 3, perto de Brixton Road. Nosso homem de ronda viu luz ali por volta das duas da manhã, e, como a casa estava vazia, desconfiou que havia algo errado. Encontrou a porta aberta e, na sala da frente, sem mobília, descobriu o corpo de um cavalheiro bem-vestido que tinha no bolso cartões com o nome de “Enoch J. Drebber, Cleveland, Ohio, EUA”. Não houvera roubo e tampouco há sinais de como o homem morreu. Há marcas de sangue na sala, mas nenhum ferimento em sua pessoa. Não temos ideia de como ele entrou na casa vazia; de fato, o caso todo é um enigma. Se o senhor for até a casa a qualquer hora antes do meio-dia, me encontrará lá. Deixei tudo *in statu quo* até ter notícias suas. Se não puder vir, eu lhe enviarei mais detalhes; seria uma grande gentileza de sua parte amparar-me com sua opinião.

Cordialmente,

TOBIAS GREGSON

“Gregson é o homem mais astuto da Scotland Yard”, observou meu amigo; “ele e Lestrade são a nata de um bando de incompetentes. São ambos rápidos e vigorosos, mas convencionais — escandalosamente convencionais. Além disso, têm aversão um pelo outro. E são ciumentos como um par de beldades profissionais. Esse caso será divertido se ambos estiverem na pista.”

Fiquei espantado com a calma com que divagava. “Certamente não há um minuto a perder”, exclamei; “devo ir chamar um fiacre para você?”

“Não sei ao certo se irei. Sou o mais incurável preguiçoso que já pisou a face da Terra – isto é, quando estou de veneta, porque posso ser bastante ágil de vez em quando.”

“Mas essa é exatamente a oportunidade que você vinha esperando!”

“Meu caro amigo, que diferença faz para mim? Supondo-se que eu deslinde todo o caso, pode ter certeza de que Gregson, Lestrade & Cia. embolsarão todo o mérito. É no que dá não ser um personagem oficial.”

“Mas ele lhe pede que o ajude.”

“Sim. Sabe que lhe sou superior e reconhece isso para mim; mas cortaria sua língua fora antes de admiti-lo para mais alguém. Mesmo assim, podemos ir dar uma olhada. Resolverei as coisas por minha própria conta. Posso rir deles, se não conseguir mais nada. Vamos!”

Enfiou às pressas o sobretudo, andando alvoroçado para cá e para lá, de uma maneira que mostrava que um acesso de energia suplantara a apatia de antes.

“Pegue o seu chapéu”, disse-me.

“Quer que eu vá junto?”

“Quero, se não tiver coisa melhor a fazer.” Um minuto mais tarde estávamos ambos num *hansom*, rumando a toda para a Brixton Road.

Era uma manhã enevoada, nublada, e um véu pardacento pairava sobre os telhados, parecendo o reflexo das ruas cor de lama. Meu companheiro, animadíssimo, discorria sobre violinos de Cremona e a diferença entre um Stradivarius e um Amati. Quanto a mim, estava silencioso, porque o tempo feio e o caso melancólico em que estávamos envolvidos me deprimiam.

“Não parece estar muito preocupado com o assunto de que vamos tratar”, disse eu por fim, interrompendo a peroração musical de Holmes.

“Ainda não temos dados”, respondeu ele. “É um erro capital teorizar antes de termos todas as evidências. Distorce o julgamento.”

“Terá todos os seus dados logo, logo”, observei, apontando; “se não me engano, esta é a Brixton Road e aquela é a casa.”

“Isso mesmo. Pare, cocheiro, pare!” Ainda estávamos a cerca de cem metros dela, mas ele insistiu em descer, e terminamos o trajeto a pé.

O nº 3 de Lauriston Gardens tinha um aspecto agourento e ameaçador. Era uma de quatro casas que ficavam um pouco recuadas em relação à rua, duas estando ocupadas e duas vazias. A última olhava para fora com três renques de melancólicas janelas vazias, desoladas e lúgubres, exceto porque aqui e ali um cartaz de “Aluga-se” surgia como uma catarata sobre as vidraças embaçadas. Um jardimzinho salpicado com erupções dispersas de plantas maltratadas separava cada uma dessas casas da rua e era atravessado por uma trilha estreita e amarelada, consistindo aparentemente numa mistura de argila e cascalho. Todo o lugar estava muito enlameado por causa da chuva que caíra a noite inteira. O jardim era limitado por um muro de tijolos de noventa centímetros de altura encimado por uma grade de madeira, e contra esse muro

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Um Estudo em Vermelho"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).